

HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA E MEMÓRIA COMO SUPORTES PARA O ENSINO DO TRAJE DE CENA

History of clothing and memory as supports for the teaching of costume

Kühl, Anna Theresa, Mestre, Universidade de São Paulo, annakuhl@gmail.com¹

Resumo: A história da indumentária é assunto fundamental durante o ensino do traje de cena, e na formação de repertório para criação de trajes de cena. Esse texto busca abarcar como o imaginário histórico de trajes, a partir do figurino e de memórias, pode se expressar durante o ensino do traje de cena, para alunos de artes, moda e interessados em geral.

Palavras-chave: traje de cena; história da indumentária; memória

Abstract: The history of clothing is a fundamental subject during the teaching and repertoire of costume design. This text seeks to approach how the historical imaginary of clothing, since costume and memory, are expressed during the teaching of costume design, for students of arts, fashion and interested in general.

Keywords: costume; history of clothing; memory

Introdução

Quando se fala de história da indumentária a partir do figurino podemos nos remeter a produções glamurosas, sofisticadas recriações de época, trajes de alta costura, criações de designers famosos e importantes na história da moda. Um imaginário muitas vezes moldado pelo *soft power* de Hollywood, ou aqui no Brasil pelas novelas na tevê aberta.

Pense, por exemplo, na trajetória da figurinista Edith Head, suas relações com a atriz Audrey Hepburn e com a casa de alta costura Givenchy. Outro exemplo emblemático são os trajes do filme Cleópatra (1963), que habitam o imaginário popular como se fossem historicamente acurados, quando pesquisas etnográficas mostram que não. Hollywood não mostraria os seios egípcios que ficavam a mostra, bem como não os mostra até hoje – muito

¹ Pesquisadora de traje de cena, figurinista, produtora cultural e docente de cursos e oficinas sobre figurino. Mestre em Artes Cênicas com foco em traje de cena, na Universidade de São Paulo, com orientação do Prof. Dr. Fausto Viana.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


menos emissoras conservadoras que exibem telenovelas de inspiração bíblica que se passam nos mesmos períodos históricos.

O *soft power* de Hollywood pode ter construído esse imaginário do que foi ou não vestido, especialmente após a segunda guerra, construções culturais que podem habitar memórias e se expressar em repertórios de criadores de trajes de cena. Muito do que se constrói como história da moda é americano ou eurocêntrico, uma discussão que estudos decolonizantes estão desconstruindo.

Estudar história da indumentária a partir de figurinos é uma possibilidade, se feita sob viés crítico, assim como o conhecimento histórico pode impactar o ensino do traje de cena. Não estamos então falando apenas da reprodução de trajes históricos, mas também principalmente a partir do impacto do conhecimento de história do traje e sua atuação no imaginário e repertório durante o ensino do traje de cena, com objetivo em formar profissionais ou compartilhar conhecimento com interessados. Quando falamos de trajes vestidos nas últimas décadas, a memória das pessoas que os vestiram pode ser importante durante formação de repertório, bem como é possível encontrar os trajes que podem estar em acervos públicos, privados e familiares; ou mesmo a venda em lojas e bazares de segunda mão.

Especialmente ao falarmos de trajes cotidianos, a memória pode ser um lugar interessante para voltarmos nosso olhar. Quando falamos de trajes de cena e personagens da vida ordinária, não parece fazer sentido olhar para história da indumentária de um imaginário cristalizado, oriundo de um *soft power* de Hollywood, altamente elitizado. Temos visto ultimamente mais conteúdos que mesclam as áreas da história da indumentária e do figurino, e muitas vezes pode existir certo deslumbre em (re)criar trajes de época, o fascínio da “roupa de princesa” ou ainda das criações de grandes designers, o que é completamente válido para aprofundar habilidades de modelagem, mas não pode ser a única abordagem.

Aproximações entre moda e arte, traje social e traje de cena, não são inéditas. Nosso foco então é abarcar a história da indumentária e a memória como conteúdos possíveis no ensino do traje de cena, uma escrita que nasce a partir da docência e de diálogo com discentes. A partir da elaboração de conteúdo para este ensino, surge uma investigação





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

que questiona os caminhos costurados entre história da indumentária e traje de cena. Nos questionamos de onde vem estes caminhos, por onde passam, que história contam?


Nos parece que estes caminhos contam com passagem obrigatória pela memória, ao menos nos exemplos que traremos, pela possibilidade de dividir um espelho do tempo, emoldurado por trajes. Essa moldura que o objeto traje pode ajudar a construir traz características e interpretações diversas, entre as quais podemos identificar:

as mais fáceis são cor (que influencia de imediato a percepção do público, tanto sobre a personagem como sobre a situação), forma (a maneira e o formato como o traje vai ser cortado), volume (espaço a ser ocupado pelo traje), textura (fundamental para interagir com outros tecidos e com a luz), movimento (que vai impregnar o olhar do espectador, que o segue) e origem (no sentido de origem cultural, como um quimono japonês). (VIANA, 2015, p. 12)

Tais características podem remeter imediatamente a um período ou época, impressas em memórias: tal cor remete ao período tal, tal forma remete a outro período, e daí por diante, fornecendo uma leitura que localiza o público na narrativa. Figurinos atuais são mais compromissados com a moda vigente, enquanto trajes de época podem remeter a um passado ou a um futuro (LEITE, 2002, p. 108).

Foi notado durante as aulas, por docente e discentes, que pode ser mais escasso e não tão simples de encontrar, um imaginário de trajes civis ordinários e cotidianos de outros tempos. Quando esta indumentária precisa ser representada por trajes de cena, a pesquisa imagética se torna mais complexa, até porque tais trajes se gastam com mais facilidade, por serem mais usados, nem sempre foram preservados como objetos, e nem sempre contam com boas imagens de referência, como pinturas ou fotografias, em abundância. Nesse momento, a memória se torna a fonte mais abundante, presente em acervos particulares de objetos e de imagens.

Elementos imagéticos temporais e espaciais são ótimos para que o ator/performer e o público de obras audiovisuais ou de artes cênicas se localize cronologicamente. A autora desta pesquisa, pesquisadora e docente do traje de cena, se questiona o quanto existe de





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


precisão histórica ou documental em representações imagéticas e o quanto o imaginário construído pelo traje de cena se apresenta em memórias coletivas. Na tradução de “As doenças do traje de cena”, de Roland Barthes, publicada por Fausto Viana e Isabella Monken Velloso, (2018, p.54), podemos observar diversas relações sobre verossimilhança e função cênica dos trajes, um perigo da hipertrofia da função histórica em reconstituições, quando a obsessão da exatidão do detalhe faz com que o traje perca potência de representação.

E quando, por exemplo, um traje de cena precisa imaginar e criar um futuro hipotético, de quais referências poderá se servir? Toda criação precisa ter fundamento em algum traje que já tenha existido, em algum momento, por isso mesmo quando é preciso “inventar uma roupa do amanhã”, pode fazer sentido e ter muita serventia um repertório que se sirva de traje de outros tempos. O traje do futuro será criado a partir desses estudos de trajes sobre presente e passado.

Tanto na docência na área de moda quanto na área de artes é comum que imagens de trajes de cena sejam dispostas cronologicamente como de determinadas épocas, junto a imagens etnográficas e museológicas, sendo repertório fundamental na criação de trajes, tanto sociais quanto de cena. Talvez por motivos didáticos, observamos uma disposição histórica linear e crescente, em que podemos ver linhas do tempo organizada por décadas, especialmente no século XX, que passam por períodos de transição, onde os trajes se misturam. No entanto, a memória pode embaralhar linearidades, instaurando temporalidades, muitas vezes nada lineares.

Nossa indumentária atual é composta por cada vez mais camadas de complexidade, cada vez menos sujeita a lógicas lineares de interpretação, que envolvem possíveis construções de futuro, passando pelo presente e olhando para um passado dos trajes. A roupa do amanhã se constrói com referências de um passado e as urgências do futuro. Um imaginário povoado por construções culturais.

Especialmente no Brasil, nas últimas décadas, trajes de cena das novelas se mostram presentes no consumo e história da moda, e principalmente em memórias coletivas. Embora essas imagens de trajes possam estar presentes em vários conteúdos pedagógicos e repertórios, precisamos sempre desconfiar dessas fontes e nos lembrar que o figurino é uma





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


criação estética, sem compromissos históricos e possivelmente parciais. O traje de um personagem de época da novela não significa que uma pessoa real tenha se vestido daquela maneira naquele período. Quando o ator/performer é trajado, é também investido por tempo e espaço, não necessariamente precisos e acurados, mas que refletem na memória popular.

Experiências didáticas

Elencamos duas situações em que surgiram questionamentos sobre como e o quanto o traje de cena pode habitar memórias e construções históricas do imaginário sobre o traje social, especialmente em alunos de projetos culturais, que tem arte e/ou moda como panos de fundo.

Começamos falando de uma experiência em um projeto cultural onde uma aluna recria um traje, mesmo não tendo vivido ou presenciado certa época, vestindo uma memória construída em seu imaginário. Neste projeto, participantes recriavam trajes presentes em suas lembranças. No exemplo a seguir, a aluna Rose Marie (figura 1), durante o projeto de artes integradas Memórias Vestidas², cria um traje a partir de uma lembrança que faz parte de seu imaginário, memória de uma época que ela não viveu, mas que admira muito, a década de 1920.

² Projeto de artes integradas contemplado pelo Proac (Programa de Ação Cultural) da Secretaria de Cultura de São Paulo no ano de 2015 e realizado em 2016, que contou com aulas de história da moda e de modelagem de trajes desenhados por suas participantes.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Figura 1 - Traje inspirado pela década de 1920.



Fonte: Maycon Soldan, 2016

Nas palavras da aluna: “Eu acho que posso tentar reviver e reinventar a moda olhando uma névoa do passado”³. Essa névoa pode se formar a partir de diversas referências e informações, mas aqui observamos que nas últimas décadas, diversas telenovelas se inspiraram em imagens da década de 1920, e não podemos deixar de notar o quanto tais imagens podem ter influenciado o imaginário da aluna, uma vez que essas produções acompanham e moldam memórias na vida brasileira.

Outro exemplo traz questionamentos sobre a indumentária de povos e culturas nem sempre alvos de trajes de cena populares, como já citado criticamente, glamurosas reproduções de elite americana ou europeia. Toda sociedade é atravessada por diversos fluxos culturais, e isso também acontece na criação e no ensino do traje de cena. Podemos notar de maneira mais frequente uma história branca, heteronormativa e cisgênero, construída ao redor de sacramentos cristãos, em que enxovais, roupas de batismo, enterramento e matrimônio geram objetos e trajes que são depois categorizados como documentos da história do traje.

³ Disponível em: <https://memoriasvestidas.tumblr.com/post/160033377620>. Acesso em 22 Ago 2021.

16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Durante uma oficina, uma aluna questiona a autora desse texto se estamos estudando uma história eurocêntrica, em que demais povos estão à margem, devido a um monopólio colonizador de códigos e imagens na cultura global. Essa mesma aluna (figura 2) produz durante os exercícios trajes que para ela, a partir daquele conteúdo, estariam fora de uma lógica ocidental.

Figura 1 - Criação de aluna do curso História da Moda e Figurino: caminhos cruzados



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Nos questionamos o quanto tais indumentárias estão presentes em figurinos, sobre a presença de um olhar para o contexto histórico dos trajes de povos originários, do continente africano, não ocidentais, nem sempre presentes nas principais bibliografias destinadas ao ensino de história da moda. Nos parece que pode existir talvez um estereótipo que o traje de cena pode reproduzir, quando não há pesquisa aprofundada, e que a necessidade de elaborar tais questionamentos é necessária e urgente. Construir um olhar além do exótico,



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

necessariamente disruptivo e decolonizante, que se reflita nos trajes de cena do presente e de um futuro, e no imaginário da indumentária.

Trajes e linhas cronológicas

Trouxemos esses dois exemplos de maneira breve para pontuar o quanto uma linha cronológica não faz sentido em nosso discurso indumentário atual. Essa autora costuma trazer o conteúdo de história do traje do mais recente para o mais distante, do mais familiar para o menos próximo, em uma reordenação do tempo que começa pelo futuro, segue pelo presente e décadas mais recentes, indo retroativamente até o começo do século XX.

Partir do futuro e seguir pelo passado foi uma escolha didática, não apenas por identificar lógicas não lineares que olham para outros povos, mas muito por um motivo técnico, que envolve questões práticas de produção. O acesso a objetos, memórias e imagens de um passado recente pode ser mais próximo dos alunos, estar disponível para garimpo em lojas de segunda mão, ser mais viável dentro de um contexto de baixo orçamento. Nem sempre existe material e mão de obra disponível para uma reprodução de época, mesmo que de décadas recentes. Muitas vezes a roupa de uma época recente tem confecção industrial que não é possível em ateliês de costura, como diz a figurinista de telenovelas Marília Carneiro: “Difícilmente uma street wear, por exemplo, fica bem feita se vier de costureiras. Aos poucos, então, a moda do cotidiano foi marcando presença em todos os capítulos” (CARNEIRO, 2003, p. 45). Por isso pode ser interessante que profissionais de figurino (figura 3) tenham acesso a acervos, este pode ser um aprendizado fundamental no ensino do traje de cena, quando alunos podem ter contato com objetos que trazem informações históricas. O uso de roupas de segunda mão também pode pular etapas de envelhecimento, quando já existem marcas de uso do traje, por exemplo.




Figura 2 - Alunos trabalham em acervo de trajes



Fonte: Acervo da Autora, 2017

Considerações Finais

Porque pode ser interessante que ensino do traje de cena, para interessados ou formação de futuros figurinistas, faça uso de história da indumentária? Concluímos que o desenvolvimento de um repertório e vocabulário têxtil precisam deste conhecimento para a criação de trajes de cena, e quando é possível, ter contato com trajes de outros períodos históricos é uma experiência enriquecedora. E que a memória tem papel fundamental nesse repertório.

Nos propomos a olhar para uma correlação que não é nova, as aproximações entre história da indumentária e memória no ensino do traje de cena, para falar de uma ideia já existente. Vemos um atravessamento entre traje de cena e história da indumentária nos dois exemplos citados, e na docência para alunos de artes e moda. Esse atravessamento não é inocente ou inédito, é preciso abordar criticamente no conteúdo didático tais questões, muitas delas provocações que podem resultar na busca por aprofundamento. Essa pesquisa, em fase muito prematura, intenciona discutir o uso da história da indumentária como parte do ensino de figurino, como esses dois conteúdos podem ser complementares e como se constroem.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Citamos as novelas como fontes de imagens que habitam imaginários, mas muito provavelmente, criações audiovisuais para veiculação em streaming devem fazer parte de construções culturais nos próximos anos.

Uma tarefa onde o traje de cena tem muito a colaborar e construir criticidade em relação as narrativas como as conhecemos. Uma pesquisa infundável, que apenas começou.

Referências

CARNEIRO, Marília. **No camarim das oito**. Rio de Janeiro: Senac Rio Aeroplano, 2003.

LEITE, Adriana. **Figurino, uma experiencia na televisão**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VELLOSO, Isabela Monken; VIANA, F. R. P. **Roland Barthes e o Traje de Cena** [recurso eletrônico]. São Paulo: ECA-USP, 2018.

VIANA, Fausto Roberto Poço. **Para documentar a história da moda**. São Paulo: ECA / USP, 2017.

_____. **O traje de cena como documento**. Sala Preta, 17, p. 130-150. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

